



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS SERTÃO  
CURSO DE GEOGRAFIA**

**TATIANA DOS SANTOS PEREIRA**

**A REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES NO LIVRO DIDÁTICO DE  
GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO**

**DELMIRO GOUVEIA-AL**

**2021**

**TATIANA DOS SANTOS PEREIRA**

**A REPRESENTATIVIDADE DAS MULHERES NO LIVRO DIDÁTICO DE  
GEOGRAFIA DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC  
apresentada ao curso de Geografia da  
Universidade Federal de Alagoas, Campus do  
Sertão, como requisito para obtenção do título de  
Graduação em Geografia – Licenciatura.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Suana Medeiros Silva

**DELMIRO GOUVEIA - AL**

**2021**

**Catálogo na fonte Universidade  
Federal de Alagoas Biblioteca do  
Campus Sertão Sede Delmiro  
Gouveia**

Bibliotecária responsável: Sâmela Rouse de Brito Silva – CRB-4/2063

P436e Pereira, Tatiana dos Santos

A representatividade das mulheres no livro didático de geografia do ensino médio / Tatiana dos Santos Pereira. – 2021.  
52 f. : il.

Orientação: Suana Medeiros Silva.

Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Geografia. Delmiro Gouveia, 2021.

1. Livro didático. 2. Mulher. 3. Representatividade. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO  
CURSO: GEOGRAFIA – LICENCIATURA

### FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTORA: Tatiana dos Santos Pereira

“A representatividade das mulheres no livro didático de geografia do ensino médio” -  
Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia – Licenciatura da Universidade  
Federal de Alagoas – UFAL – Campus do Sertão.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao  
corpo docente do Curso de Geografia –  
Licenciatura da Universidade Federal de  
Alagoas e aprovado em 23 de abril de 2021.

**Banca Examinadora:**

*Suana Medeiros Silva*

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suana Medeiros Silva  
(Orientadora)

*Flávia Jorge de Lima*

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Flávia Jorge de Lima  
(1<sup>a</sup> Examinadora)

*Marilza Pavezi*

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marilza Pavezi  
(2<sup>a</sup> Examinadora)

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus, que me sustentou e me deu forças para ultrapassar os obstáculos;

A minha orientadora, Suana Medeiros, por acreditar na minha capacidade, pela paciência, pelo incentivo, que vez toda diferença nos momentos difíceis, e pelo seu empenho nas correções deste trabalho;

Aos professores desse curso, por compartilhar dos seus conhecimentos trazendo as informações necessárias para formação profissional;

A minha família, em especial minha mãe, meu pai e meu esposo, que sempre me deram palavras de apoio, me incentivando a não desistir;

A Djailma e Esio que me ajudaram, disponibilizando seus aparelhos quando o meu já não estava funcionando;

Aos meus colegas de curso, pela colaboração na construção do meu conhecimento enquanto ser coletivo;

A Anaine, Carlos, Aristiane, Joelma e Thaline, minhas companheiras e meu companheiro de curso pelas palavras de incentivo e por participarem da construção do meu conhecimento;

E a todos que me ajudaram, direta ou indiretamente, o meu muito obrigada.

## **RESUMO**

Esta pesquisa tem como objetivo principal compreender a representatividade das mulheres nos livros didáticos de Geografia do ensino médio. O objeto de estudo foram livros de Geografia mais especificamente do 2º e 3º ano do ensino médio que tem como título “Geografia: Espaço e identidade”, com o intuito de analisar a maneira na qual as mulheres são representadas nesses livros utilizados pelos alunos do ensino médio. A pesquisa constitui-se em uma análise documental, dando ênfase aos discursos que estão direcionados as mesmas, em uma análise comparativa e analisando, quantitativamente, pela obtenção da quantidade de imagens que representa as mulheres e qualitativamente, pela leitura das imagens e os discursos direcionado a elas. Nesse contexto, o estudo se apresenta como uma possibilidade de entendermos como a presença dos homens sobressai a das mulheres nos livros didáticos do ensino médio. Eles ainda se encontram presos a estereótipos formados pela sociedade, o que nos permite afirmar como a falta de debate sobre a mulher nas escolas pode trazer sérios impactos na reprodução da sociedade.

**Palavras Chaves:** Mulher, representatividade e livro didático

## **ABSTRACT**

This research has as main objective to understand the representativeness of women in high school Geography textbooks. The object of study were Geography books more specifically from the 2<sup>nd</sup> and 3<sup>rd</sup> year of high school which has the title "Geography:Space and identity", in order to analyze the way in which women are represented in these books used by high school students average. The research constitutes a documentary analysis, emphasizing the speeches that are directed to them and analyzing, quantitatively, by obtaining the quantity of images that women represent and qualitatively, by reading the images and the speeches directed at them. In this context, the study presents itself as a possibility to understand how the presence of men stands out from that of women in high school textbooks. They are still stuck with stereotypes formed by society, which allows us to affirm how the lack of debate about women in schools can have serious impacts on the reproduction of society.

**Keywords:** Woman, representativeness and textbook

## **FIGURAS**

Figura 01- Percentual de horas entre homens e mulheres dedicadas aos cuidados de pessoas e afazeres domésticos.....18

Figura 02- Percentual de homens e mulheres que trabalham em tempo parcial.....19

Figura 03- Percentual de pessoas que possuem ensino superior completo, por gênero.....20

Figura 04- Percentual de cargos gerenciais ocupados entre homens e mulheres....21



## IMAGENS

Imagem 01- Cartaz na entrada da sede da ONU.....	33
Imagem 02 - Casal de chineses com seu bebê.....	33
Imagem 03 - Homens e mulheres trabalhando nos campos.....	34
Imagem 04 – Mulheres e crianças no campo de refugiados.....	34
Imagem 05 – Protesto de trabalhadores sem teto.....	36
Imagem 06 - As quebradeiras do coco babaçu.....	38
Imagem 07 – Obras de José Francisco Borges.....	39
Imagem 08 – Geógrafa Berta Becker.....	40
Imagem 09 – Predominância de homens em atividades diversas.....	42
Imagem 10 –O estereótipo das mulheres consumistas.....	43
Imagem 11 - O trabalho das mulheres na Índia.....	44
Imagem 12 – A mulher no mercado de trabalho.....	45
Imagem 13 – A internet dando vez e voz às mulheres.....	46
Imagem 14 – Tráfico de Mulheres e meninas.....	46

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. COMPREENSÕES SOBRE GÊNERO, PATRIARCADO E A IMPORTÂNCIA DO DEBATE NA GEOGRAFIA.....</b>	<b>11</b>
2.1 A IMPORTÂNCIA DE SE ESTUDAR GÊNERO NA GEOGRAFIA.....	11
2.2 OS CONCEITOS E AS COMPREENSÕES SOBRE GÊNERO E PATRIARCADO.....	12
2.3 A MULHER NA SOCIEDADE PATRIARCAL.....	15
<b>3. O QUE VEM ANTES DA SALA DE AULA.....</b>	<b>24</b>
3.1 PCNS E O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA.....	24
3.2 O LIVRO DIDÁTICO COMO FERRAMENTA DA CONSTRUÇÃO DA REPRESENTATIVIDADE FEMININA E A INTRODUÇÃO DO DEBATE DE GÊNERO NAS ESCOLAS.....	27
<b>4. A REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA – ANÁLISE.....</b>	<b>29</b>
4.1 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO.....	30
4.2 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DO 2º ANO.....	32
4.3 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DO 3º ANO.....	41
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>49</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O estudo de gênero nos possibilita compreender melhor quais foram os caminhos percorridos para a definição dos papéis que são reproduzidos na sociedade por homens e mulheres, e como o patriarcado contribui para essa reprodução negativa.

Contudo, percebemos a escola como ambiente que nos possibilita debater, inclusive, assuntos como este que diz respeito a cidadania e empatia, e o livro um instrumento que deve ser utilizado para auxiliar na formação de bons cidadãos, (por “bons cidadãos”, entendemos os indivíduos que respeitam a diferença e a diversidade sexual/afetiva, religiosa e étnica do outro, assim como defendem a igualdade e a garantia dos seus direitos) e para isso precisa-se ter uma atenção maior para os livros didáticos.

É por essa razão que venho analisar o que está sendo sugerido nos livros didáticos de Geografia exposto nas escolas e se a forma com que o assunto está sendo abordado poderá interferir na formação dos nossos futuros cidadãos. O objetivo desse trabalho foi analisar a presença das mulheres em livros didáticos de Geografia do Ensino Médio, de modo a identificar a frequência e as situações em que essas aparições se dão e quais representações elas geram.

Para chegar ao objetivo previsto nesse trabalho foi utilizada uma análise documental, onde os dados presentes nessa pesquisa foram retirados dos livros didáticos do 2º e 3º ano do ensino médio. Foi realizada a contagem das imagens na qual existia a presença de homens, mulheres e homens e mulheres, logo após foram feitas as leituras das imagens e dos discursos direcionados a elas.

No primeiro capítulo veremos as barreiras impostas ao estudo de “gênero” na geografia, um assunto de grande importância, mas que a Geografia não considerava, pois enxergava a sociedade neutra, assexuada e homogênea. No segundo se encontra as discussões sobre como os Parâmetros Curriculares Nacionais define a abordagem sobre igualdade de gênero nos livros didáticos de Geografia. E no terceiro é feita uma análise dos livros do 2º e 3º ano, que possui como título “Geografia: Espaço e identidade”, considerando tanto as imagens como também os discursos a elas relacionadas.

## 2. COMPREENSÕES SOBRE GÊNERO, PATRIARCADO E A IMPORTÂNCIA DO DEBATE NA GEOGRAFIA

### 2.1 A importância de se estudar gênero na geografia

Segundo Yves Lacoste (1988), a geografia por muito tempo foi um instrumento para fazer guerra, método esse muito utilizado até hoje para fins militares, onde se estuda o território seja com o objetivo de ocupa-lo ou como forma de adquirir vantagens sobre seus oponentes em uma batalha. Entretanto, Ruy Moreira (2007), destaca outras utilidades, que trata a geografia como a ciência que revela as máscaras sociais.

O estudo sobre gênero foi tido como um assunto que não diz respeito à geografia. É, então, onde nos perguntamos: mas, se o objeto de estudo da geografia é o espaço e dele fazemos parte contribuindo com o desenvolvimento econômico, social e político que ocorre de modo diferente entre homens e mulheres, com tudo, por que não se devem analisar as relações de gênero? Segundo REIS (*Apud* BRANDAO, FONSECA 2015, p. 184):

Sendo a Geografia a ciência social, cujo objeto de estudo é o espaço geográfico, torna-se necessário identificar como as relações sociais interferem na produção espacial e por isto, deve-se compreender o espaço como produto das mesmas. E entre estas relações, as de gênero não devem ser excluídas das análises da ciência geográfica, pois elas influenciam nas mais diversas escalas e processos econômicos, sociais e políticos”.

Conforme Campos e Rodrigues (2018, p. 162), “a geografia é uma área de estudo abrangente, complexo e crítica”. E José Conti (1997) irá coloca-lá como uma ciência de horizontes infinitos, de tal forma que a geografia não precisa estar presa apenas a mapas, formas geográficas, como relevo, rochas, fenômenos climáticos, biomas, nomes de países.

A Ciência Geográfica não considerava o gênero como um elemento de diferenciação social entre homens e mulheres, o que poderia sugerir uma sociedade neutra, assexuada e homogênea. Segundo SILVA (*apud* CAMPOS, RODRIGUES 2018, p. 162):

A Geografia, de uma maneira geral, tem considerado a sociedade como um conjunto neutro, assexuado e homogêneo. [...] Entendido que o espaço não é neutro do ponto de vista do gênero, torna-se necessário incorporar as diferenças sociais entre mulheres e homens e as diferenças territoriais nas relações de gênero.

Precisamos construir um equilíbrio e permitir que novas maneiras de se estudar os fenômenos geográficos sejam criadas, dar ênfase tanto a história dos homens quanto as das mulheres só nos permitirá obter mais conhecimento e compreensão dos fatos. Por que os papéis dos homens e das mulheres foram definidos da forma que observamos hoje? Essas são questões que só conseguiremos alcançar uma resposta se analisarmos o contexto histórico visto do ponto de vista de ambas as partes. Como afirma Joan Scott (1989, p. 5), “as mulheres têm uma história separada da dos homens, portanto deixemos as feministas fazer as histórias das mulheres”

Ao analisar o contexto histórico dos homens e das mulheres iremos perceber que foram essas desigualdades que influenciaram na maneira com que os homens e as mulheres se apropriaram do espaço.

Portanto, trabalhos desta natureza que discutam gênero na ciência geográfica se fazem necessários, pois ainda existe carência de estudos acadêmicos que trata abertamente sobre patriarcado, machismo, feminicídios, representatividade das mulheres nas escolas, nos livros, carreira profissional, entre outros aspectos da vida em sociedade.

## **2.2 Os conceitos e as compreensões sobre gênero e patriarcado**

De acordo com o Dicionário Aurélio (2000, p. 345) na antropologia, o termo gênero é “a forma como se manifesta, social e culturalmente, a identidade sexual dos indivíduos.”

Segundo Saffioti (2011, p. 45) “Cada feminista enfatiza determinado aspecto do gênero, havendo um campo, ainda que limitado, de consenso: o gênero é a construção social do masculino e do feminino.”

O termo gênero foi muito usado em alguns textos, que descreviam a história das mulheres, como forma de substituir a palavra “mulheres”, uma substituição que buscava legitimar estudos acadêmicos feministas em 1980, segundo SCOTT (1989, p.6):

No seu uso recente mais simples, “gênero” é sinônimo de “mulheres”. Livros e artigos de todo o tipo, que tinham como tema a história das mulheres substituíram durante os últimos anos nos seus títulos o termo de “mulheres” pelo termo de “gênero”.

Nesse caso, o termo “gênero” não dá a entender que está sendo adotada uma posição sobre a desigualdade ou o poder, nem mesmo aponta a parte prejudicada, mas, de maneira imperceptível, abarca as mulheres sem as mencionar, enquanto o termo mulheres revela sua posição política. Segundo Saffioti (2011, p. 45), “o conceito de *gênero* não explicita, necessariamente, desigualdades entre homens e mulheres. Muitas vezes, a hierarquia é apenas presumida.” Mas, Saffioti também nos diz que a crença de que o homem veio antes da mulher, e serem todos os dias reproduzidos seja na fala ou na escrita, o patriarcado é constantemente alimentado:

Em geral, pensa-se ter havido primazia masculina no passado remoto, o que significa, e isto é verbalizado oralmente e por escrito, que as desigualdades atuais entre homens e mulheres são resquícios de um *patriarcado* não mais existente ou em seus últimos estertores. (SAFFIOTI, 2011, p. 37)

Estudar o conceito de patriarcado nos possibilita compreender melhor os exemplos de opressões dos homens contra as mulheres. “As teóricas do patriarcado concentraram sua atenção na subordinação das mulheres e encontraram a explicação na “necessidade” do macho dominar as mulheres.” (Joan Scott, 1989, p. 8).

De acordo com Scott (1989 p.9), Mary O’Brien relata que a dominação masculina é proveniente do desejo dos homens em ser superiores aos meios de reprodução da espécie, buscando priorizar a paternidade e tornar menos importante a tarefa árdua realizadas pelas mulheres que é o trabalho de parto.

Segundo Saffioti (2011), Sulamith Firestone refere-se a reprodução como uma “amarga armadilha” para as mulheres, que vai desde a questão física, que lhe traz limitações, como também a social até a questão econômica, que acaba se aproveitando. Sua árdua tarefa se inicia desde o trabalho de parto, onde a mulher passa longas horas sentindo dores (contrações) ou acaba tendo sete camadas do seu corpo cortadas em uma cesariana. No processo de criação as mães sofrem com

os padrões impostos pela sociedade, se o parto foi cesário ela não sabe o que é ser mãe, se amamenta em público é uma sem vergonha, se não desistir de trabalhar para cuidar da criança não tem amor pelo filho, entre outros julgamentos e acusações. A demissão do trabalho é o elemento principal para que a mulher volte a ser prisioneira em sua própria casa, como foi o caso da domesticação. Como afirma Saffioti(2011, p. 46) sobre isso:

De fato, como os demais fenômenos sociais, também o *patriarcado* está em permanente transformação. Se, na Roma antiga, o patriarca detinha poder de vida e morte sobre sua esposa e seus filhos, hoje tal poder não mais existe, no plano *de jure*. Entretanto, homens continuam matando suas parceiras, às vezes com requintes de crueldade, esquartejando-as, ateando-lhes fogo, nelas atirando e as deixando tetraplégicas etc.

Por conta da grande influencia do patriarcado sobre a sociedade, o criminoso certamente sairá impune e poderá até ser considerado vitima e a vitima se tornará rapidamente ré.

Na divisão do trabalho dada aos nossos pais dentro de casa o patriarcado está presente, mais especificamente, as experiências domésticas, impostas pela sociedade, onde a mulher permanece em casa cuidando da estrutura e dos filhos e o homem sai para trabalhar.

Tudo que diz respeito ao masculino é direcionado ao domínio, a força, autoridade central e o poder soberano e o que diz respeito ao feminino é fraqueza e estupidez, sendo que podemos suportar, durante o parto, a dor de 26 ossos do nosso corpo se quebrando e somos o sexo que nos envolvemos menos em acidentes de trânsito, porém somos nós que recebemos mais críticas. Um exemplo disso é a frase “mulher no volante, perigo constante”. Ainda de acordo com Saffioti (2011, p. 35):

Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem força e coragem. Isto constitui a raiz de muitos fenômenos, dentre os quais se pode realçar o fato de seguros de automóveis exclusivamente dirigidos por mulheres custarem menos, porque, em geral, elas não usam o carro como arma, correm menos e são mais prudentes.

De acordo com a referida autora, estudiosos relatam que todos nós temos uma porção de hormônios conhecido como “animus e anima”, sendo o primeiro referente ao masculino e o segundo ao feminino, porém o animus pode ser encontrado em mulheres e anima em homens, e que esse hormônio pode ser desenvolvido ao longo do desenvolvimento da criança. Todavia, a sociedade, com suas ideologias, busca estimular que o homem desenvolva mais o animus, que é sinônimo de poder e virilidade, e a mulher a anima, que é sinônimo de fragilidade, “ou seja, o patriarcado, quando se trata da coletividade, apoia-se neste desequilíbrio resultante de um desenvolvimento desigual de *animus* e de *anima* e, simultaneamente, o produz.” (Saffioti, 2011, p. 37). Assim, a população acredita que se o homem expressar suas emoções como o choro, ele é efeminado, o que nos faz analisar que o homem também se tornou vítima, em certa medida, dos padrões imposto pelo patriarcado.

### **2.3 A mulher na sociedade patriarcal**

Segundo Federici (2017), entre o século XVI e XVII, as mulheres passaram por uma transição que não lhes favoreceram em momento nenhum, onde perderam seus direitos em todas as áreas da vida social. A partir deste século as mulheres não puderam administrar suas atividades econômicas, fazer contratos e de se auto representar nos tribunais. E conforme o tempo passava as mulheres foram perdendo o direito de, quando viúvas, viverem sozinha, ou com outras mulheres e até mesmo, no caso das mais pobres, com suas próprias famílias.

É nesse mesmo período que se inicia o processo de “domesticação”, ou seja, assim como um animal selvagem é retirado da floresta para ser treinado para ser um animal dócil e obediente, se assemelha o processo de domesticação feito com as mulheres.

Porém, antes disso, as mulheres eram vistas e tratadas de outra forma:

Capazes de engendrar uma nova vida, de produzir todos os nutrientes necessários ao desenvolvimento dos fetos e, ainda, de fabricar internamente leite para alimentar os bebês, eram consideradas seres poderosos, mágicos, quase divinos. (SAFFIOTI, 2011, p.33)



Federici (2017), relata que essas mulheres passam a ser consideradas tudo de ruim, a principal vilã, em vários momentos tinham sua imagem demonizada, então, ela é proibida de sair de casa, inclusive, não poderiam visitar seus pais com muita frequência após casarem, e caso fossem encontradas sozinhas na rua poderiam ser ridicularizadas ou estupradas e o agressor não receberia nenhuma punição. A igreja era a principal influenciadora em domesticar a mulher, principalmente as casadas, que não poderiam praticar o que era considerado pecado, de forma alguma.

Com isso, varias obras com o objetivo de disciplinar as mulheres foram escritas e muitas peças literárias foram criadas para fortalecer as repressões ocorridas contra as mulheres, que ao verem as apresentações, tomava como exemplo as personagens e o medo levava as mulheres a seguirem as regras para que não fossem punidas violentamente, como relata Federici, (2017, p. 203):

O preço da resistência era, sempre, o extermínio. Nenhuma das táticas empregadas contra as mulheres europeias e contra os sujeitos coloniais poderia ter obtido êxito se não tivesse sido sustentada por uma campanha de terror.

Deste modo, após certa porcentagem de mulheres terem sido domesticadas, surge o modelo de esposa ideal. Portanto, a mulher exemplar e perfeita para casar seria aquela de poucas palavras, submissa ao marido e sempre ocupada com o trabalho doméstico.

Embora na época da caça as bruxas as mulheres tenham sido retratadas como seres selvagens, mentalmente débeis, de desejos insaciáveis, rebeldes, insubordinadas, incapazes de autocontrole, no século XVII o cânone foi revertido. Agora, as mulheres eram retratadas como seres passivos, assexuados, mais obedientes e morais que os homens, capazes de exercer uma influencia positiva sobre eles.(FEDERICI, 2017 p. 205).

Portanto, depois de dois séculos, onde as mulheres foram cruelmente torturadas, na época de caça as bruxas, elas passam a serem substituídas por mulheres domesticadas. Então, a partir da criação dos seus pais, as mulheres já cresciam acreditando que esse era o seu papel, se submeter ao gênero masculino.

O fato das mulheres, atualmente, terem conquistado seu espaço no mercado de trabalho e alcançado níveis de escolaridade cada vez mais elevados, possibilitou que pudessem enxergar quão grande era e ainda é a desigualdade de gênero, o que impulsionou as lutas por igualdade.

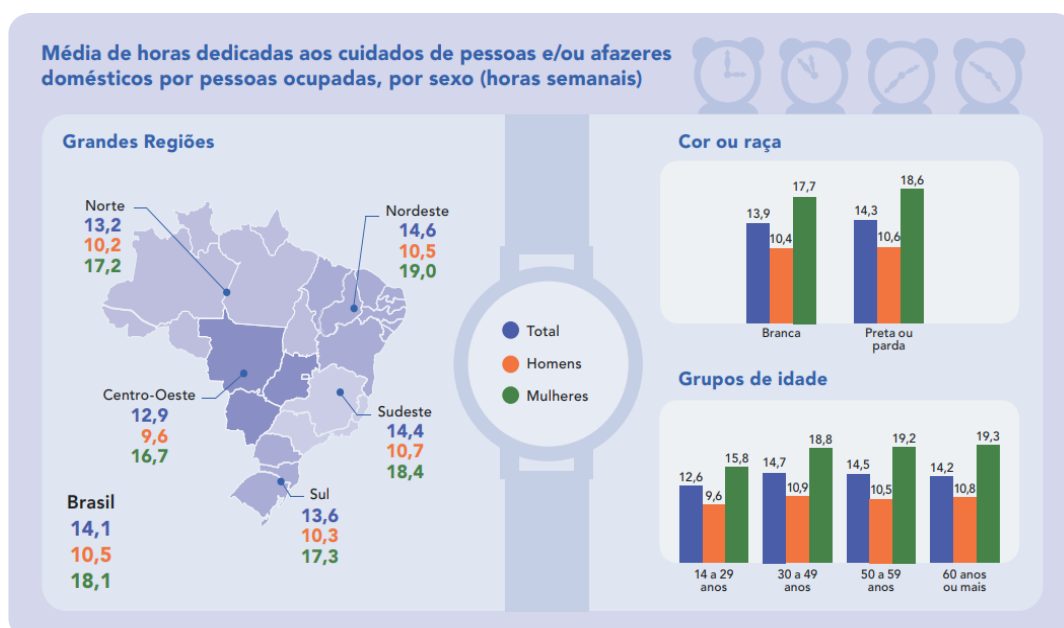
Porém, também há mulheres que não questionam a desigualdade de gênero. Sabemos que o discurso que afirma a existência de uma igualdade de gênero é mentiroso, pois nos últimos anos ainda encontramos dados quantitativos que nos permite constatar que existem diferenças na renda e na participação política entre homens e mulheres. Segundo Campos e Rodrigues (2018 p. 161):

Cerca de 60% das mulheres possuem ensino superior completo contra 40% dos homens, mesmo com esses dados, em média as mulheres recebem 27,25% a menos que os homens. [...] As mulheres representam apenas 8,6% na câmara de deputados e 16% no senado.”

Sabemos que por séculos as mulheres vêm lutando para conquistarem um lugar de igualdade na sociedade. Também vemos mulheres e seus movimentos sociais lutando por salários justos, cargos que lhes são proibidos de ocupar, representatividade em todas as áreas e proteção contra as trágicas ocorrências de violência e abusos que elas enfrentam cotidianamente. São fatos de extrema importância, e que devem estar presentes nos livros didáticos assim como outros tipos de lutas que são vistos por poucos.

Historicamente e ainda atualmente, de uma forma majoritária, os papéis que lhes são direcionados pela sociedade são de donas de casa, cuidadoras, mães, etc. “No Brasil, em 2016, as mulheres dedicaram aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos cerca de 73% a mais de horas do que os homens (18,1 horas contra 10,5 horas).” (IBGE, 2018, p. 3)

Figura 01- Percentual de horas entre homens e mulheres dedicadas aos cuidados de pessoas e afazeres domésticos



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.

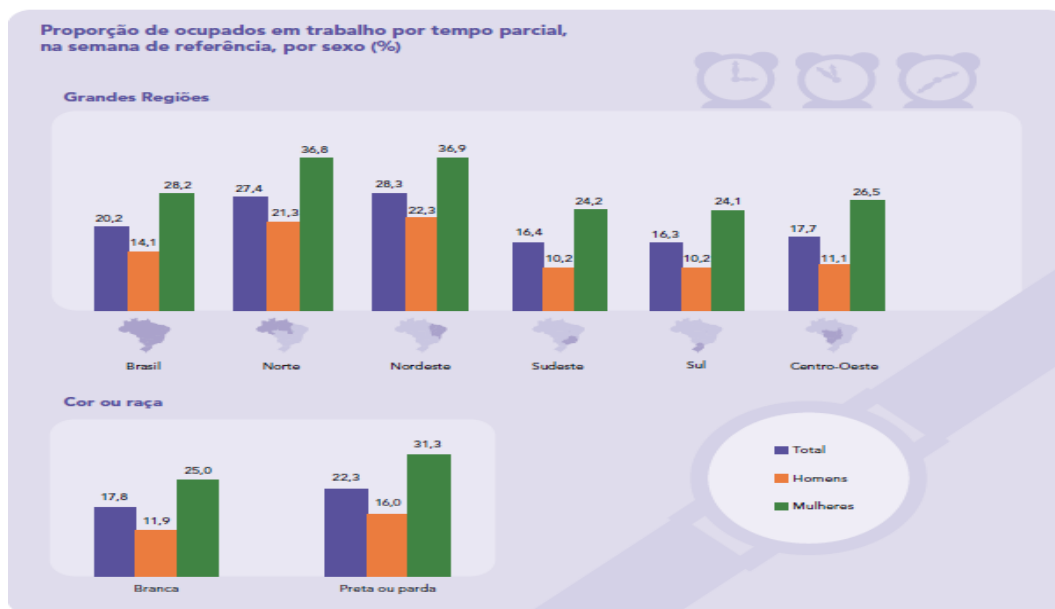
A divisão sexual do trabalho tem início a partir do momento em que os povos deixam de ser “nômades”, nome que se dá aos povos que se deslocavam de um lugar para o outro em busca de alimentos e recursos. Portanto, ao se fixarem em um determinado território, surge a necessidade das tarefas serem divididas e essa divisão é feita de acordo com os sexos, dando a entender que seria o órgão reprodutor o principal fator a definir quem faz melhor cada tarefa. De acordo com Rossini:

Com o aparecimento da família patriarcal, que substituiu as estruturas comunitárias, foi ocorrendo individualização do trabalho da mulher, o qual progressivamente se limitou à produção de valores de uso para o consumo. O trabalho do homem passou a ser destinado a criar riqueza, entrando na esfera da produção de valores de troca. De acordo com a divisão do trabalho entre os sexos, a mulher foi relegada à esfera das tarefas domésticas, isto é, reprodução biológica, educação e cuidado com os filhos, como bases da reprodução da força de trabalho.” (ROSSINI, 1998, p.7)

As mulheres ocupam a maioria dos cargos desvalorizados e recebem os menores salários, tanto pelos cargos que ocupam, que por varias vezes é o mesmo que a dos homens, como também porque ocupam majoritariamente os trabalhos de meia jornada, por conta do trabalho doméstico e cuidado de pessoas da família

geralmente realizado por elas. “Mulheres que necessitam conciliar trabalho remunerado com os afazeres domésticos e cuidados, em muitos casos acabam por trabalhar em ocupações com carga horária reduzida.” (IBGE, 2018, p. 4).

Figura 02- Percentual de homens e mulheres que trabalham em tempo parcial



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.

Importante também destacar que, na maioria das vezes exercem algum tipo de trabalho pelo qual não recebem como é o exemplo das mulheres que mantém a casa arrumada, as roupas lavadas e comida feita para que seu esposo possa ir trabalhar sem receberem nenhum tipo de remuneração, além de gerar, de forma gratuita, exército reserva de força de trabalho. Segundo Blay (*apud* Rossini 1998, p.24):

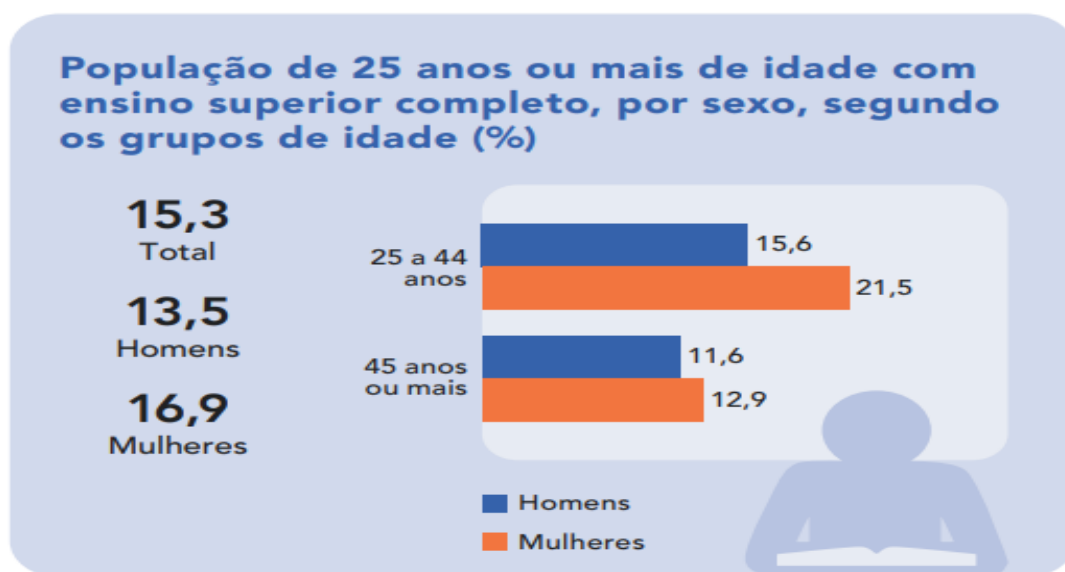
o trabalho doméstico aparece com uma atividade desprovida de valor, não se vincula diretamente à produção e não é remunerado mediante salário. Deixa de ser considerado um trabalho pois, falsamente, só as atividades remuneradas é que são tidas como trabalho... Sua relação com a remuneração se faz através do elemento assalariado da família, geralmente o homem (...). Mas ao manipular o salário e transformá-lo em alimento, habitação, limpeza, enfim, ao empregar um serviço que transforme a moeda em formas necessárias à subsistência, a mulher aplica ao salário um trabalho que vem somar ao valor real do mesmo(...). Além disso, é justamente devido à utilização desse trabalho doméstico não-remunerado que o trabalhador assalariado pode ser remunerado aquém de suas necessidades”.

De acordo com dados do IBGE, as mulheres são o gênero com mais percentual de conclusão do ensino superior se comparadas aos homens:

“A maior diferença percentual por sexo encontra-se no nível “superior completo”, especialmente entre as pessoas da faixa etária mais jovem, de 25 a 44 anos de idade, em que o percentual de homens que completou a graduação foi de 15,6%, enquanto o de mulheres atingiu 21,5%, indicador 37,9% superior ao dos homens.” (IBGE, 2018 p. 6).

Como podemos observar na figura abaixo:

Figura 03- Percentual de pessoas que possuem ensino superior completo, por gênero

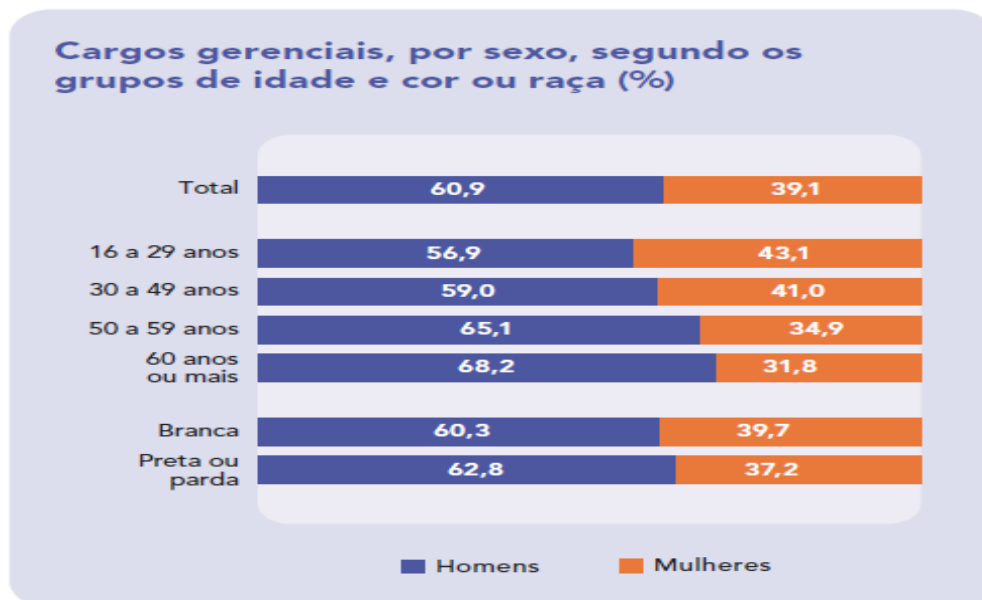


Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.

As mulheres que, no século passado só poderiam exercer profissão de doméstica, passam a exercer profissões como a de professora, uma profissão que ainda era vista por muitos como algo que lhe fosse capaz apenas por razão do gênero, pelo fato de que as mulheres em suas residências tem o papel de cuidar e educar os filhos. Hoje podemos ver mulheres atuando como pintora, eletricitista, engenheira civil, administradora, empresaria, presidenta, entre outros. Mas ainda são nessas áreas onde as mulheres vem enfrentando preconceitos e continuam atuando de forma tardia. Com a crise econômica e o aumento do desemprego, varias pessoas foram obrigadas a montar seu próprio negocio se tornando microempreendedores. Grande parte dessas pessoas são homens, geralmente as mulheres estão presentes, mas como auxiliadora. Como nos mostra o gráfico do IBGE, os cargos gerenciais são ocupados por uma porcentagem maior de homens e

a porcentagem de homens permanece aumentando enquanto a das mulheres só diminuindo de acordo com a faixa etária. IBGE (2018):

Figura 04- Percentual de cargos gerenciais ocupados entre homens e mulheres



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016.

Ainda cabe ressaltar a realidade de algumas mulheres que são mães solo, muitas vezes não recebem apoio da família, e com o abandono do pai da criança, elas são obrigadas a se desdobrar, assumindo a criação da filha ou filho sozinhas. Precisa arrumar a criança para leva-la à escola, manter casa arrumada, comida feita, com apenas um salário mínimo, não consegue adquirir sua própria moradia, e quando encontra uma oportunidade e condições para um momento de lazer não pode ir aos mesmos lugares que os homens porque é alvo de julgamentos moralistas relativos a sua sexualidade e ao comportamento social esperados para uma mãe. Portanto:

Para que a mulher possa adquirir juntamente com o homem a liberdade, liberdade de viver e para construir uma família sadia, é preciso que haja creches, jardins da infância, restaurantes coletivos, lavanderias coletivas, lazer, saúde, educação, habitação, havendo, portanto, igualdade para ambos. Só assim homens e mulheres poderão desempenhar seu papel na produção social e na vida social. [...] (ROSSINI, 1998, p.9)

Para que as mulheres desistissem de sair de casa para trabalhar, muitas ideologias foram implantadas na sociedade, como por exemplo, a idéia de que a mulher é responsável por manter seu casamento. Quando o marido chegasse, depois de um longo dia de trabalho, a casa deveria estar arrumada, a comida pronta e as roupas lavadas e passadas, o que resulta em uma jornada dupla para as mulheres que trabalham também fora de casa. Assim, o trabalho doméstico passou a ser realizado muito cedo do dia ou a noite, ou até mesmo nos finais de semana. Atualmente, alguns companheiros contribuem no trabalho doméstico, mas a maioria ainda são aqueles que chegam do trabalho e aguardam a janta e aos finais de semanas saem para jogar bola, beber e bater um papo com os amigos, quando as mulheres seguem em casa sem o direito ao lazer. Mas, mesmo com essa desigualdade no trabalho doméstico, essas mulheres não deixaram de ir em busca de sua própria renda para participar do sustento da família. Rossini (1998, p.8) relata:

[...] a mulher foi arrancada de casa para o mercado de trabalho para somar na manutenção da família, provendo a “desestabilização” do homem na manutenção da família, sem que fosse repartido ou retirado da mulher o trabalho doméstico.

Ao ver as mulheres alcançando sua independência financeira muitos homens se sentem com sua virilidade ameaçada, pois o que a sociedade patriarcal, lhes impõe é que o homem deve ser o chefe da casa e o provedor. Nos dias de hoje podemos presenciar com mais frequência a participação dos homens nas tarefas domésticas, no cuidar dos filhos e ao se por no lugar das mulheres em momentos que só diz respeito a ela. Mesmo assim, muitos acreditam que um convite para um encontro por exemplo, ainda deve partir do homem e ele é que deve pagar o almoço ou jantar, o que nos leva a afirmar que o patriarcado está presente em atitudes cotidianas.

A mulher é a que mais sofre violência de gênero e muitas vezes essas violências se manifestam de forma sutil, seja em seu local de trabalho ou durante seu percurso entre sua casa e o trabalho como até mesmo em sua própria casa. Dentro do conjunto de violências sofridas pelas mulheres, a violência sexual é um dos abusos que pode causar sequelas tanto no físico como no emocional, nos quais as mulheres são levadas a sentirem-se culpadas. De acordo com o site Childhood,

esses abusos são praticados, na maioria das vezes, por agressores do gênero masculino, pelos próprios pais, em seguida, foram registrados padrastos, tios e avôs, de acordo com as denúncias 92% das vítimas eram do gênero feminino.

Há também os padrões estéticos que lhes são exigidos; as mulheres devem ter cintura fina, seios e nádegas avantajados, um rosto impecável com nariz fino, lábios nem tão grossos ou finos demais, cílios grandes, olhos claros e sem esquecer os cabelos que devem ser lisos e longos, além dos padrões de comportamento, que visam ditar como a mulher deve se comportar em diversos aspectos e situações de sua vida.

Assim, um exemplo nítido que podemos ter de que a capacidade de uma mulher em muitos casos é medida pela sua aparência, é o caso da nossa ex-presidenta, Dilma Rousseff, sobre a qual víamos nas redes sociais várias imagens comparando o corpo dela com objetos circulares ou uma imagem sua de pernas abertas – imagem que foi colada em carros como suposto “protesto” ao preço da gasolina. No entanto, o corpo dos presidentes homens nunca foram expostos e violentados dessa forma. Isso nos mostra como os padrões de beleza estão impostos somente às mulheres e como a sua inteligência é medida por esse padrão.



### **3. O QUE VEM ANTES DA SALA DE AULA**

#### **3.1 PCNs e o livro didático de geografia**

O livro didático é um elemento de estudo pertencente a cultura escolar, que serve tanto para auxiliar os(as) professores(as) como também o aluno, entretanto, é interessante que o professor trabalhe com diversos temas sociais não se permitindo ficar preso somente ao livro didático.

Por mais que novas tecnologias venham surgindo trazendo informações em tempo real e com bastante diversidade, nas escolas públicas do Brasil, os livros didáticos continuam sendo o material mais usado em sala de aula. Dessa forma, Bittencourt (2004, p. 471) afirma:

o livro didático é um objeto cultural contraditório que gera intensas polêmicas e críticas de muitos setores, mas tem sido sempre considerado como um instrumento fundamental no processo de escolarização.

Por mais que a seleção para a escolha do livro didático seja cada vez mais um processo rigoroso e cuidadoso, o livro didático ainda está longe de ser perfeito, pois são fiscalizados por órgãos nacionais, e sobretudo, acabam sendo uma mercadoria e, por isso, a sua escolha para as escolas não depende somente da sua qualidade e competência com a qual aborda os conteúdos, mas também de como ele está inserido no mercado.

O ensino médio vem com o objetivo de preparar os/as jovens para uma vida adulta, onde o/a aluno(a), ao concluírem os estudos, terão capacidade de ingressar em um trabalho e desenvolver seu papel de cidadania, “deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social”( Parâmetros curriculares nacionais ensino médio, 2000, p. 10). Com esse intuito a LDB gerou outro currículo com um novo perfil, pois o ensino anterior buscava interpretar as circunstâncias sem levar em conta o que estava ao seu redor, de modo subdividido e com acúmulo de informações.

Então a LDB muda todas essas formas buscando também incentivar o raciocínio e a capacidade de aprender. Parâmetros curriculares nacionais ensino médio (2000, p. 5):

As propostas de reforma curricular para o Ensino Médio se pautam nas constatações sobre as mudanças no conhecimento e seus desdobramentos, no que se refere à produção e às relações sociais de modo geral.

O PCN tem o intuito de que os alunos do ensino médio desenvolvam competências básicas. Diante da Comissão Internacional que trata da Educação para o século XXI, da Lei nº 9.394/96, que são elas: “a) a educação deve cumprir um triplo papel: econômico, científico e cultural; b) a educação deve ser estruturada em quatro alicerces: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser.” (Parâmetros curriculares nacionais ensino médio, 2000, p. 14).

Ao observar o PCN foi possível encontrar a palavra “Mulher” três vezes, a primeira vez no tópico onde o assunto em debate é “A reforma curricular e a organização do ensino médio”.

O currículo, enquanto instrumentação da cidadania democrática, deve contemplar conteúdos e estratégias de aprendizagem que capacitem o ser humano para a realização de atividades nos três domínios da ação humana: a vida em sociedade, a atividade produtiva e a experiência subjetiva, visando à integração de homens e mulheres no tríplice universo das relações políticas, do trabalho e da simbolização subjetiva. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS ENSINO MÉDIO, 2000, p.15)

Na primeira palavra mulher que o PCN trás e referente aos três domínios da ação humana onde ambos possam ter uma boa integração no meio geográfico com as relações políticas com os meios de produção do trabalho e com o meio subjetivo onde homens e mulheres a partir do seu mundo interno vão se relacionar com o mundo externo com suas idéias e de forma coletiva.

Pela segunda vez no tópico que trata “O ensino médio no mundo: uma transformação acelerada”, onde prezam por uma nova forma de cidadania, uma com qualidade, que vá além de uma representação tradicional, como emprego, qualidade de vida, igualdade entre homens e mulheres, etc.

Espera-se que a escola contribua para a constituição de uma cidadania de qualidade nova, cujo exercício reúna conhecimentos e informações a um protagonismo responsável, para exercer direitos que vão muito além da representação política tradicional: emprego, qualidade de vida, meio ambiente saudável, igualdade entre homens e mulheres, enfim, ideais afirmativos para a vida pessoal e para a convivência. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS ENSINO MÉDIO, 2000, p.59)

Nesse sentido foi possível observar que a palavra mulher está relacionada a igualdade de gênero onde a mulher tem os mesmos direitos que os homens, pois a própria sociedade criou uma cultura onde as mulheres são inferior aos homens e sua única obrigação seria o trabalho domestico, no entanto no decorrer das transformações que a humanidade, sofreu foi possível observar que mulher também teve forte influência e vem conquistando sua igualdade na sociedade. Desta forma, o PCN deixa claro que as escolas devem contribuir para essa reconstrução de uma sociedade onde essa desigualdade não continue presente.

Assim a terceira vez que a palavra mulher é mencionada no texto, no tópico 3.2 com o tema “Política de igualdade”, onde descreve que:

A política de igualdade incorpora a igualdade formal, conquista de constituição dos grandes estados nacionais. Seu ponto de partida e o reconhecimento dos direitos humanos e o exercício dos direitos e deveres da cidadania como fundamento da preparação do educado para a vida civil. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS ENSINO MÉDIO, 2000, p.64)

Nesse sentido, deixa claro que o intuito da política de igualdade e que os direitos humanos sejam reconhecidos assim como os direitos e deveres da cidadania, podendo o educando ter consciência tanto dos seus direitos na sociedade assim também ter consciência dos seus deveres de cidadão.

No entanto, no parágrafo na qual se encontra a palavra mulher pela terceira vez, ao tratarem do respeito do bem comum com protagonismo deixa descrito:

Em uma de suas direções, esse movimento leva o ideal de igualdade para o âmbito das relações pessoais na família e no trabalho, no qual questões como igualdade entre homens e mulheres, os direitos da criança, a eliminação da violência passam a ser decisivas para a convivência integrada. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS ENSINO MÉDIO, 2000, p.64)

Assim fica claro que o sentido da palavra mulher vem como igualdade de gênero deixando a mulher e o homem no mesmo nível, podendo a palavra mulher

não ter o sentido de inferioridade, mas sim de igualdade e sendo reconhecida dentro dos direitos humanos.

No entanto no quesito de política de igualdade, a escola quebra os tabus e as culturas da antiguidade que ainda se encontram presente na sociedade contemporânea, culturas essas que deixam a mulher num lugar inferior ao homem, onde o mesmo tem prioridade de reconhecimento diante do meio social e a mulher continua no simples lugar de responsável pela casa e pelos filhos, sendo essa somente doméstica. Assim, a política de igualdade na escola deixa evidente que homens e mulheres, sem distinção de sexo, tem o mesmo lugar na sociedade.

### **3.2 O livro didático como ferramenta da construção da representatividade feminina e da introdução do debate de gênero nas escolas**

A escola é a instituição – juntamente com a família e a sociedade – responsável pela formação educacional, intelectual, cidadã e em alguns casos também profissional, de toda uma sociedade. E é a escola o ambiente mais indicado para que as alunas e os alunos possam adquirir experiências de convívio, onde encontrarão diversidades étnica, biológica, cultural, social, ideológicas. Portanto, a mesma poderá apresentar ao indivíduo as diferenças sociais, religiosas e culturais, tornando-o capaz de conviver pacificamente com o outro, ela também é o cenário ideal para abertura de discussões que venham proporcionar às alunas e aos alunos o desenvolvimento do pensamento crítico. Oliveira e Nascimento (apud Campos, et al. 2017, p. 84) afirmam que:

A formação escolar tem grande importância na construção da identidade, pois é na escola que os indivíduos entram em contato com diversidade. A identidade é construída à medida que a representação cultural permite ao indivíduo localizar-se de diferentes formas na sociedade.

A escola surgiu na Grécia Antiga, antes da vitória romana sob a Grécia Antiga, em 2000 a.C. com os objetivos de formarem somente pessoas do gênero masculino com o intuito de capacitá-los para serem dirigentes do povo, seja pela via política ou religiosa. Para as mulheres só lhe seria permitido o papel de dona de casa, seu único objetivo só poderia ser de casar e reproduzir.

A escola deveria ser uma instituição neutra e cumprir um papel democrático, sempre desconstruindo os paradigmas que a sociedade nos impõe através do conhecimento científico.

Os(as) professores(as) são os grande contribuidores(as) do papel formador da escola, eles(as) tem a função mais árdua de contextualizar assuntos que se encontram no livro didático com a realidade dos(as) discentes. Cabe as professorase os professores analisar os conteúdos que são contidos nos livros didáticos, pois tudo que ocorre na sala de aula pode causar efeitos na formação social das alunas e dos alunos, seja algo positivo ou negativo.

Ele deve propor, em todo momento, debates que venham provocar inquietação na maneira com que as alunas e os alunos pensam, descentralizando padrões. O pensamento dos(as) alunos(as) é semelhante a estética, é algo que pode ser moldado, pois os mesmos e as mesmas são indivíduos que estão em processo de construção.

## 4. A REPRESENTATIVIDADE DA MULHER NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA - ANÁLISE

Barnett (*apud* Silva, *et al.*, 2015 p. 188) relata que as comunidades geográficas contavam suas próprias histórias que se espalhavam constantemente pelas academias se tornando populares e acabavam sendo tidas como verdades absolutas. Os autores Silva *et al.* (2015), declaram que devemos tratar nos debates científicos aqueles saberes que são produzidos pelos “condenados da ciência”, que são as mulheres, as/os negras/os, as/os homossexuais e toma por consciência que essa inclusão poderá ser perversa, pois ainda existe um apego ao conhecimento científico colonial, homens brancos e heterossexuais. Segundo Aníbal Quijano (*apud* Silva *et al.*, 2015 p. 190):

argumenta que o saber científico, tal como o conhecemos, é, ainda hoje um instrumento imperial da colonização. Ele afirma que embora o colonialismo seja um processo histórico acabado isso não significou o fim da colonialidade.

Desde que os portugueses colonizaram o Brasil, novas culturas, tradições e costumes foram implantados no nosso país causando um impacto para os povos indígenas que tentaram resistir, mas que aos poucos foi introduzido no povo brasileiro como verdades absolutas e que ainda se encontram mencionados no livro didático como metanarrativas, ou melhor, verdades absolutas. Como o fato que o Brasil foi descoberto pelos portugueses, possibilitando à aluna e ao aluno, que ainda se encontra em processo de construção, não imaginar que a possibilidade de que existiria algum outro povo habitando no Brasil antes da chegada dos portugueses. Segundo Bell (*apud*, SILVA *et al.* 2015, p.189):

as histórias dominantes são mantidas pela reprodução dessa metanarrativa em nossas próprias publicações em forma de artigos científicos, livros e em nossa prática pedagógica em sala de aula.

E são nessas histórias dominantes onde prevalece o gênero masculino. São poucas as histórias que mencionam as mulheres como protagonistas de um acontecimento marcante, um descobrimento, uma luta, como se a participação da

mesma não tivesse ocorrido em nenhum dos momentos, o que conduz o homem a elevar seu grau de superioridade.

#### **4.1 Análise do livro didático**

Os livros analisados nesta pesquisa foram os livros didáticos da rede pública da disciplina de Geografia do ensino médio, especificamente, do 2º e 3º ano, da coleção Geografia Espaço e Identidade, de Levon Boligin e Andressa Alves, disponibilizada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) editora do Brasil. Os referidos livros estão sendo utilizados na Escola Estadual Francisca Rosa da Costa localizada na zona urbana de Delmiro Gouveia/AL, foi impresso em 2018 e será utilizado até o ano de 2020.

O livro do primeiro ano não foi analisado nesse trabalho, porque não apresenta um grande número de imagens na qual estejam presentes homens ou mulheres e/ou homens e mulheres, pois o mesmo aborda majoritariamente assuntos relacionados a geografia física, como por exemplo: a dinâmica hidrológica e as águas continentais; a dinâmica litosférica e as paisagens terrestres; as rochas, os solos e as formas de relevo; os mapas e a linguagem cartográfica; condições meteorológicas e clima da terra.

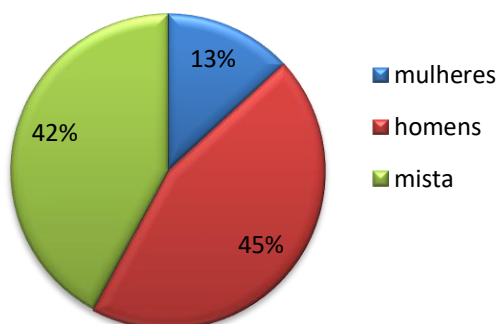
Para a análise, inicialmente as imagens foram divididas quantitativa e qualitativamente em três categorias: imagem somente com mulheres; imagens somente com homens e; imagens mistas. Nelas, foram analisadas a quantidade de vezes de cada categoria e o discurso relativo a cada uma delas.

Foram contabilizadas as imagens que possuíam a presença de mulheres, homens e; mulheres e homens, descartando os mapas e as imagens que possuíam paisagens. No livro do segundo ano foram encontradas 114 imagens, sendo 48 mistas (com a presença de homens e mulheres), 51 com homens e somente 15 com mulheres. No livro do terceiro ano foram encontradas 106 imagem com 47 mistas, 45 com homens e apenas 14 com a presença das mulheres.

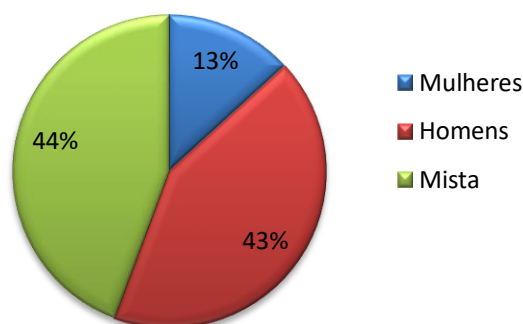
No entanto, somente algumas imagens foram escolhidas para análise no intuito de demonstrar como as mulheres estão sendo representadas e o nível de

desigualdade. Nas imagens somente com mulheres notamos que estão relacionados ao trabalho, luta por território, por espaço na política.

**Percentual de homens e mulheres presentes nas imagens do livro didático do 2º ano**



**Percentual de homens e mulheres presentes nas imagens do livro didático do 3º ano**



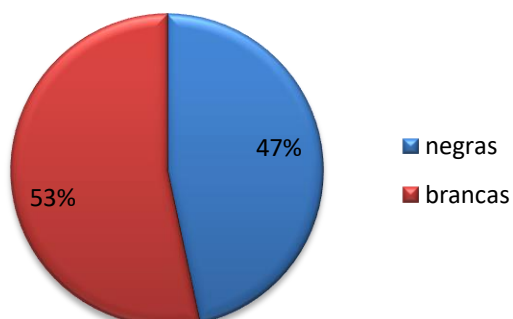
Nesses gráficos é possível observar, em porcentagens, a desigualdade quando se trata da presença das mulheres em relação à dos homens. Sabemos que isso não ocorre pela ausência das mulheres em atividades diversas e no mercado de trabalho, pois elas ocupam diversos cargos e executam variadas atividades. Além disso, as mulheres negras também são ainda mais invisibilizadas do que as mulheres brancas, são vítimas de racismo.

Na sociedade em que vivemos, além do patriarcado e de suas consequências violentas, o racismo é uma estrutura social responsável por muitas outras violências para as mulheres negras. Quando paramos para observar rapidamente notaremos que as mulheres negras são as mais sofrem violências, pois são classificadas como “inferiores” duas vezes, pelo gênero e pela cor de sua pele. Segundo Saffioti (2011, p. 32) “[...] não há como se estabelecer tal igualdade entre mulheres negras e homens brancos, pois estes são “superiores” pela cor de sua pele e pela textura de seus cabelos, sendo “superiores” também em razão de seu sexo.”

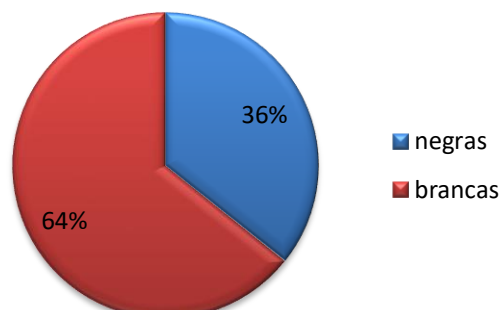
E na ordem econômica podemos encontrar uma terceira desvantagem para as mulheres negras e pobres, pois, para sociedade pessoas pobres não tem nenhum valor, “o que mostra que o poder é macho, branco e, de preferência, heterossexual”. SAFFIOTI (1987 *apud* Saffioti, 2011, p. 32).



**Percentual de negras e brancas presentes nas imagens do livro didático do 2º ano**



**Percentual de negras e brancas presentes nas imagens do livro didático do 3º ano**



De acordo com os gráficos é possível notar que as mulheres negras sofrem as duas formas de discriminação nos livros didáticos também, onde no livro do segundo ano de 15 imagens com a presença de mulheres somente 7 tinham a presença de mulheres negras e no livro do terceiro ano de 14 imagens com a presença de mulheres apenas 5 tinham a presença de mulheres negras. Vale ressaltar que em algumas imagens onde aparecem mulheres negras, há mulheres brancas também, as mulheres negras só iram aparecer em trabalhos realizados no campo como mostra a imagem 03, a 06 com as quebradeiras do coco babaçu e a 07 com as mulheres sertanejas da obra de José Francisco Borges.

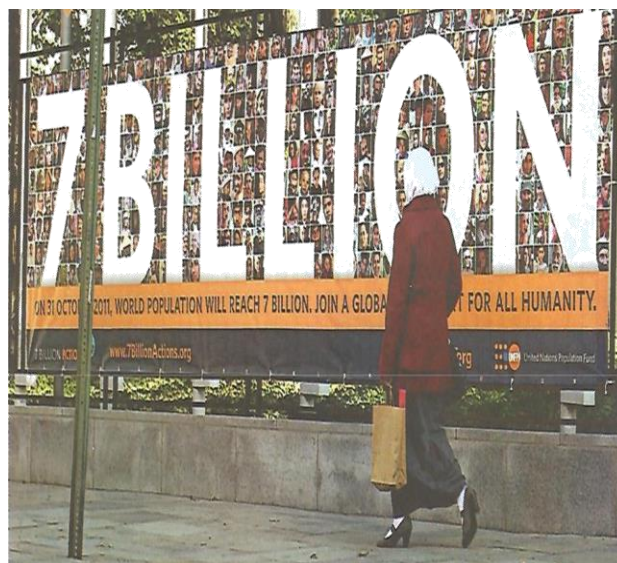
#### **4.2 Análise do livro didático do 2º ano “Geografia: Espaço e identidade”**

O primeiro livro a ser analisado é o do 2º Ano, no qual foi possível observar que o mesmo não segue um padrão de mencionar em cada imagem se o gênero que ali se encontra é masculino ou feminino, mas, destaca o que é, para o tema abordado, considerado mais importante. Como por exemplo, no seguinte tema: “A urbanização nos países com baixo nível de industrialização” (2016, p. 15), em uma das imagens observada possível ver a presença de mulheres, crianças e homens, mas só foram destacadas a presença das mulheres e das crianças.

Assim como, no assunto que trata da “Dinâmica demográfica mundial na atualidade” (2016, p. 26), observamos uma mulher passando em frente de um painel que informa o número total de habitantes do planeta no ano de 2011, mas, o que é mencionado é apenas o cartaz como número de habitantes. Em outra imagem que

contém uma mulher e um homem, na qual o tema trata da “Segunda transição demográfica” (2016, p. 31), o autor descreve a presença de um casal. Já em outra imagem encontrada no tema abordado sobre “Agropecuária na África Subsaariana” (2016, p. 81) o autor menciona a presença de homens e mulheres trabalhando nos campos.

Imagem 01 – Cartaz na entrada da sede da ONU



Fonte: Livro didático Espaço e identidade, 2º ano, (BOLIGIAN; ALVES, 2018, p. 26)

Imagem 02 – Casal de chineses com seu bebê



Fonte: Livro didático Espaço e identidade, 2º ano, (BOLIGIAN; ALVES, 2018, p. 31)

Imagem 03 – Homens e mulheres trabalhando nos campos



Fonte: Livro didático Espaço e identidade, 2º ano, (BOLIGIAN; ALVES, 2018, p. 81)

Imagem 04 – Mulheres e crianças no campo de refugiados



Fonte: Livro didático Espaço e identidade, 2º ano, (BOLIGIAN; ALVES, 2018, p. 15)

Foi encontrado no livro analisado o uso do recurso “boxe”, que são pequenos textos onde mencionam algo importante que não foi tratado no texto principal, e recebem como títulos “Mulheres em foco”, “Cultura em foco” e “Saberes em foco”. De acordo com os livros didáticos Espaço e Identidade, “estas seções propõem momentos que viabilizam o trabalho integrado e interdisciplinar, por meio de discussões a respeito de aspectos culturais ou que envolvam a cidadania” e mais especificamente o boxe mulheres em foco são “textos que ressaltam o trabalho ou a vida de mulheres no decorrer da História.”(BOLIGIAN; ALVES, 2018, p. 5)

No tópico onde tratar da queda do crescimento vegetativo brasileiro, o autor traz o primeiro boxe do “Mulheres em foco” onde relata como era os métodos

contraceptivas antes da pílula anticoncepcional e quais etapas passaram até chegar a pílula que é comercializada nos dias atuais. Segundo o referido texto, quando comprovada sua eficácia e liberada às mulheres, a taxa de natalidade veio a declinar. Isso acarretou na década de 1970, na chamada “Revolução sexual feminina”, onde as mulheres puderam ter um maior domínio sobre os seus corpos.

Nesse livro didático também foi possível encontrar outro pequeno texto, que foi utilizado para análise em uma atividade, em que traz a discussão da licença-maternidade, e do mesmo modo, a licença-paternidade. O texto foca principalmente no bem-estar do bebê e não problematiza a saúde e os cuidados relacionados a mulher/mãe.

Em outro texto do boxe “Mulheres em foco” o assunto abordado é das camponesas colhedoras de chá no Estado Assam, na Índia, em 2013. O pequeno texto também menciona as péssimas condições de trabalho, além de receberem um valor inferior a um salário, onde recebem apenas 3 dólares por dia por, aproximadamente, 30 quilogramas de folha da planta colhida, sendo que, cada 100 grama do produto processado custa 200 dólares.

E pela terceira vez podemos encontrar outro boxe das “Mulheres em foco”, onde esse irá contar a história de uma poderosa rainha que liderou seu povo bravamente, e morreu com mais de 80 anos sem ter sido capturada. Hoje é venerada pelo povo Mbundo como a rainha imortal. Nesse caso, é importante ver o reconhecimento histórico de uma mulher que tomou a frente de uma guerra para lutar por seu povo, pois nos contextos históricos, os personagens que mais se destacam são os homens que são considerados sinônimo de força, coragem, virilidade e nasceram para liderar.

Apesar de ter sido possível encontrar a história de uma mulher guerreira é triste observamos que em nenhum momento foi relatado a história das nossas guerreiras brasileiras como são os exemplos de Aqualtune e Dandara. Aqualtune, que é um símbolo de resistência. A princesa de Mani-Kongo, foi presa e vendida como escrava reprodutora após sua tribo perder o combate. Foi abusada sexualmente por várias vezes durante a viagem e ao chegar ao Brasil, e ainda estando grávida, planeja e executa sua fuga. Ela se junta ao povo de palmares, que a reconhece como princesa e ela se torna líder do Reino dos Palmares, e ali



continua lutando pela liberdade negra. Dandara, casada com Zumbi dos Palmares e mãe de três filhos, cuidava do lar, participava de atividades como a caça e a agricultura, dominava técnicas de capoeira, possuía habilidades com armas, além de liderar tanto mulheres como homens nas batalhas travadas para que a liberdade pudesse ser desfrutada por todos e não somente para a metade. (Portal Geledés, 2011)

Também não houve nenhum espaço desse livro dedicado aos acontecimentos violentos em que as mulheres sofreram com a colonização (estupros, agressões e o fato de verem seus filhos serem arrancados de suas mãos, ou ter que deixa-lo passar fome enquanto a prioridade era amamentar o filho da Sinhá).

Imagem 05 – Protesto de trabalhadores sem teto.



Fonte: Livro didático Espaço e identidade, 2º ano, (BOLIGIAN; ALVES, 2018, p. 150)

As mulheres estão historicamente presentes nas lutas por terra e território no Brasil e no mundo; em muitos casos como protagonistas das mesmas. No entanto, na imagem 01 a presença das mulheres não é evidenciada, quando na realidade, as mulheres têm um papel muito importante no MST.

O capítulo 10 do livro analisado aqui, inicia com um poema sobre um homem que trabalhava em uma construção, como forma de introduzir um debate à respeito da urbanização brasileira. Seu Benedito, assim como é chamado o homem presente no poema, fala a respeito de sua migração do campo para cidade, das dificuldades de encontrar emprego em sua cidade, então ele deixa sua família para ir em busca

de condições para construir uma boa casa para sua família. Mas o capítulo deixa a desejar no debate onde trate do papel das mulheres, pois as mesmas também são protagonistas dessas histórias de migrações. Deveria ter sido construído um texto que trouxesse também a realidade das mulheres que migram para cidade em busca do sustento de sua família, pois elas sofrem diversas consequências com a migração, desde a solidão, por ter que deixar seus parentes em sua terra de origem, e em alguns casos ter que deixar seus próprios filhos, responsabilidade dobrada com a casa, trabalho na roça (quando agricultoras) e com os filhos (as que conseguem levar).

No boxe “Cultura em foco” temos uma imagem de uma indígena produzindo suas cestas artesanais, ao lado podemos ver um texto com o título “Indígena da metrópole”. Esse texto irá relatar o número de indígena que habitava no Brasil em 2010, as principais cidades para onde migraram, o período que se inicia a migração dessas indígenas para a metrópole, como se encontra essa migração no período atual e os preconceitos com os índios na cidade. Mas os desafios enfrentados pela mulheres indígenas não aparecem no texto.

Ao se importar em explicar quem são os trabalhadores sem-teto, os autores abrem um espaço para contar a história de Wilson que, assim como a história de Benedito, se desloca para São Paulo. A diferença é que Wilson leva sua família, ou seja, o custo é maior, a casa precisa ter uma estrutura maior que comporte um casal e mais algumas crianças, as crianças precisam de um transporte que as leve e tragam da escola. Portanto, sua esposa também vê a necessidade de arrumar um emprego. Ao mencionar tal caso, o autor define o salário da mulher apenas como uma "ajuda". Notamos aí um discurso patriarcal e machista que é normalizado pela sociedade. Essa renda que é resultado do trabalho da mulher é sempre mencionada como “ajuda” ou “extra” e não como renda que, independente do valor que seja, continua sendo uma renda.

Em outro boxe do “Cultura em foco”, as músicas do gênero sertanejo: voz e violão, ganham seu destaque, onde duas páginas do livro são reservadas para contar as principais fases da música sertaneja até os dias atuais com o “sertanejo universitário”. Nesse espaço dedicado a cultura musical, são citadas algumas duplas sertanejas, oito duplas para ser mais exata, e todos do gênero masculino. Sendo que desde 1940, duplas sertanejas do gênero feminino já tocavam em rádios como

as Irmãs Castro (site: Globo Rural, 2017), por exemplo, temos também as Irmãs Galvão, Primas Mirandas, entre outros nomes que poderiam ser citados desde aqueles tempos até os dias de hoje, Simone e Simaria, Maiara e Maraísa, que hoje representam o sertanejo universitário feminino.

Imagem 06 - As quebradeiras do coco babaçu



Fonte: Livro didático Espaço e identidade, 2º ano, (BOLIGIAN; ALVES, 2018, p. 194)

O quarto box do “Mulheres em foco” é acompanhado de uma imagem composta apenas por mulheres para representar as quebradeiras do coco babaçu, uma das palmeiras mais importante do Brasil, que é facilmente encontrada entre a Caatinga e o Cerrado. Dessa árvore as mulheres retiram seu sustento, as palhas das folhas são transformadas em cestos, a castanha em azeite e sabão e a casca do coco em carvão.

Porém, na década de 90, essas trabalhadoras tiveram que travar uma luta contra os pecuaristas, fazendeiros e empresas agropecuárias, que cercaram toda área onde se encontrava as palmeiras de babaçu e pressionando as mulheres quebradeiras do coco babaçu. Tal movimento contava predominantemente com as mulheres, somam-se mais de 300 mil trabalhadoras rurais que, em 2010, viveram em função do extrativismo do babaçu.

Os autores Boligian e Alves são muito felizes em relatar em um dos seus boxes a história de luta pelo sustento das famílias das mulheres quebradeiras do

coco babaçu. No entanto, mesmo com grande predominância das mulheres nessa atividade a palavra “trabalhador” ainda se encontra classificada no plural do gênero masculino, “trabalhadores” em vez de “trabalhadoras”.

Outro boxe que dá ênfase ao movimento das mulheres quebradeiras do coco babaçu é o “De olho no Enem”, que trás um pequeno texto e algumas questões para que debates possam ser proporcionados acerca das dificuldades enfrentadas por elas, com os conflitos que envolvem os latifundiários.

Imagem 07 – Obras de José Francisco Borges



Fonte: Livro didático Espaço e identidade, 2º ano, (BOLIGIAN; ALVES, 2018, p. 195)

Em um dos boxes do “Cultura em foco”, uma técnica muito utilizada pelo mestre pernambucano, José Francisco Borges, de forma artesanal, é uma reprodução de imagens e textos, que utiliza, como ferramenta principal, uma peça entalhada em madeira. Nesse mesmo boxe observamos três imagens retratadas acima, que são da autoria desse artista nordestino, em que todas possuem as mulheres de forma predominante, mas ao descrever as obras do artista, o autor menciona que uma das características do xilogravurista é retratar a vida do sertanejo, onde em suas obras publicada neste livro o que mais se vê são mulheres, seja tocando um instrumento ou carregando baldes e lenhas enquanto



cuida dos seus filhos. Portanto, mais uma vez, em um momento onde predomina o gênero feminino, o gênero masculino é posto em destaque por meio da linguagem.

Além disso, notamos que o autor demonstra em sua obra a representação de uma rotina que reafirma o papel das mulheres como reprodutora, cuidadora do lar e em situações desfavoráveis. Para as mulheres que moram no campo, ao se tornarem viúvas ou seus maridos serem obrigados a migrarem para cidade em busca de emprego, elas precisam adquirir habilidade com o plantio e animais, é o trabalho na qual devem realizar com a presença dos seus filhos, pois não tem com quem deixá-los, não possuem nenhuma escola ou creche próximo a sua residência.

Imagem 08 – Geógrafa Berta Becker



Fonte: Livro didático Espaço e identidade, 2º ano (BOLIGIAN; ALVES, 2018, p. 224)

Em mais um boxe do “Mulheres em foco” esta imagem de uma geógrafa reconhecida por unir a teoria à pesquisa de campo em sua produção científica. Bertha Becker, como é chamada, é destacada pelo livro como uma referência internacional com vários artigos científicos e 19 livros publicados.

Seu nome é mencionado na referência bibliografia do livro didático junto com outras pesquisadoras. De 36 autores mencionados na referência do livro do segundo ano apenas 8 são mulheres e no livro do terceiro ano de 33 autores somente 6 são mulheres. Com esses dados é possível analisar que a utilização de estudos realizados por pesquisadoras não têm muita visibilidade. Também podemos ver que

na geografia física, onde predominava a presença dos homens, hoje podemos encontrar mulheres atuando, indo a campo e fazendo, assim como os homens, qualquer trabalho braçal, mas os estudos realizados por elas ainda nos dias atuais não possuem credibilidade.

O livro busca destacar o trabalho ou a vida das mulheres com os boxes “Mulheres em foco”, mas acaba produzindo a desigualdade, trazendo as histórias dessas mulheres de forma separada desconsiderando o protagonismo das mesmas em várias situações reais.

#### **4.3 Análise do livro didático do 3º ano “Geografia: Espaço e identidade”**

No livro do 3º Ano, para citar a presença de homens e mulheres, em alguns momentos foi visto que o autor menciona “ação humana, sociedade humana, ser humano, interferência humana, atividades humanas, humanidade. Mas isso é positivo, pois não utiliza a palavra "homem" como sinônimo de humanidade.

O primeiro momento em que podemos ver a palavra “mulher” sendo mencionada no livro é em um relato mais aprofundado encontrado em um boxe onde é relatado o dia em que a bomba atômica caiu sobre a cidade de Hiroshima, o texto narra o cotidiano da cidade onde uma grande parte das mulheres estava preparando suas refeições em seus fogareiros e os trabalhadores se reunindo para iniciarem seus afazeres.

Esse relato sobre o cotidiano da vida dos moradores da cidade de Hiroshima, que ocorreu em 1945, só vem nos afirmar que o cotidiano nos dias atuais não mudou tanto, no qual muitas mulheres ao acordarem já se direcionam até o fogão ou a qualquer outra atividade doméstica, independentemente de trabalharem também fora do âmbito doméstico ou não. A questão principal aqui é que o trabalho doméstico, que não é considerado um trabalho, é socialmente atribuído como responsabilidade exclusiva da mulher.

Assim como o livro do 2º Ano, no do 3º ano é muito comum encontrarmos imagens “mistas” (palavra presente no gráfico para definir presença de homens e mulheres em uma mesma imagem), na qual é utilizado termos masculinos como termo neutro, também pode ser observado no livro do 3º Ano, até mesmo nas

imagens onde o autor menciona a presença de homens e mulheres, ele acaba por utilizar o gênero masculino como forma neutra no restante do texto.

O livro abre um espaço em seu boxe “Mulheres em foco” para contar a história de uma astronauta, a russa Valentina Tereshkova, mais uma vez vemos aqui uma separação no que pensam ser um destaque, pois na página anterior é visto a história da Guerra Fria onde o Estados Unidos proporcionou a primeira viagem à lua, fazendo com que três homens estadunidenses fossem os primeiros a pisarem em solo lunar em 1969, mas antes disso uma mulher já vinha fazendo história.

A astronauta Valentina comandou uma missão espacial em 1963 e movimentou-se em círculo 48 vezes ao redor do planeta Terra, e que até o momento foi a única a fazer isso sozinha. Não é tão comum vermos mulheres dirigindo reuniões em parlamentos, em cargos administrativos ou setores tecnológicos, ou até mesmo missões espaciais, isso não quer dizer que as mulheres não estejam sonhando com isso, mas que ainda existem barreiras do patriarcado e do sexismo limitando-as.

Também nota-se que no texto principal seu nome não foi nem sequer mencionado em nenhum dos momentos históricos. Vemos em destaque a cachorra Laika, como o primeiro ser vivo que esteve a bordo de uma nave, Yuri Gagarin o primeiro ser humano a bordo de uma nave, Jonh Glenn o segundo a orbitar a terra em 1962, e por fim os três estadunidenses.

Imagem 09 – Predominância de homens em atividades diversas



Fonte: Livro didático Espaço e identidade, 3º ano (BOLIGIAN; ALVES, 2018, p. 46 e 53)

Nessa imagem podemos ver com nitidez a escassez da presença das mulheres na política, o número bem inferior, que é escolha da maioria, já que o voto é democrático, e que também vai mais além que isso, como vemos na outra imagem ao lado, onde a presença dos rapazes predomina na sala, isso geralmente acontece nas áreas de engenharia, informática, robótica, devido os estereótipos criados pela sociedade que critica as mulheres apenas pelo seu gênero, insinuando que as mulheres são limitadas intelectualmente.

As mulheres têm capacidade de fazer mais de uma coisa por vez, dar conta das tarefas domésticas e dos filhos, que são comparados a uma grande empresa, são exemplo da capacidade administrativa das mulheres.

Imagem 10 – O esteriótipo das mulheres consumistas



Fonte: Livro didático Espaço e identidade, 3º ano (BOLIGIAN; ALVES, 2018, p. 55 e 161)

É importante ressaltar que o momento em que mais aparecem imagens onde existe o número maior de mulheres presentes, e que por muitas vezes é unanime, é quando se trata do consumo. As mulheres são classificadas como consumidoras compulsivas, são então, onde críticas e memes surgem nas redes sociais com a imagem de homens exaustos esperando suas esposas escolherem uma bolsa, uma sandália ou alguns acessórios.

O boxe “Culturas em foco” separada para tratar dos “Templos de consumo e lazer” (título relacionado ao texto do boxe), que relata o surgimento e as características de um shopping center, é muito feliz ao mencionar que “... Mais de 350 milhares de pessoas circulam por mês nas centenas de shopping centers

brasileiro...”, isso nos levar a crer que nitidamente o público que frequenta esse ambiente tanto é do gênero feminino como também o masculino. Todavia, ao serem selecionadas figuras que represente tais atividades (que neste caso é o de comprar), as figuras são, em sua totalidade, de mulheres escolhendo o que vai comprar ou cheias de sacolas de compras.

Ou seja, a sociedade criou um estereotipo que nos leva a crer que as mulheres são as maiores consumidoras, sendo que o consumo esta voltado ao interesse de cada um. Por exemplo, é bem difícil vermos homens comprando brincos, porque ainda é bem inferior o número de homens que usam brincos, por isso não encontraremos mais homens que mulheres nas lojas de bijuterias. Da mesma forma seria se fossemos procurar se existem mais mulheres que homens nas lojas de ferramentas. Também é comum as mulheres irem a lojas comprar roupas para seus filhos (as) e para os próprios maridos, ao invés dos homens.

Imagem 11 - O trabalho das mulheres na Índia



Fonte: Livro didático Espaço e identidade, 3º ano (BOLIGIAN; ALVES, 2018, p. 66)

Podemos ver na seguinte imagem a presença das mulheres, isso porque a imagem esta relacionada ao bordado em cortinas de janelas, atividade que, por muitos, ainda são vistas como trabalho feminino.

O texto, que poderia tratar mais sobre a forma de trabalho das mulheres indianas, trata sobre a globalização da economia, relatando que a Índia obteve um



forte crescimento econômico quando abandonou as políticas socialistas para dar início a um processo de liberalização da economia. Apesar da Índia ter atraído muitos investimentos pelo amplo mercado interno e grande quantidade de mão de obra barata, tal crescimento econômico não é compartilhado por todos, muitas pessoas ainda vivem no campo e tiram seu sustento da venda de produtos artesanais. Também não foi visto nenhum boxe do “Mulheres em foco” que tratasse de algo mais sobre as mulheres indianas.

No Brasil também encontramos mulheres artesãs que fazem painéis de barro, tricô, bordados, bonecas e acessórios feitos com materiais que podem ser encontrados no meio ambiente, porém o livro não menciona tais artistas.

Imagem 12 – A mulher no mercado de trabalho



Fonte: Livro didático Espaço e identidade, 3º ano (BOLIGIAN; ALVES, 2018, p. 133)

A imagem 08 vem nos afirmar o que foi possível observar nas anteriores, com a ausência de imagens que representam a conquista do espaço feminino no mercado de trabalho onde nos dias atuais é comum vermos mulheres ocupando cargos que só eram ocupados por homens. Hoje podemos ver mulheres engenheiras, motoristas, médicas, profissionais da computação e etc. Mas o que pode ser visto no livro foram mulheres trabalhando no campo, como artesãs, professoras, costureiras.

Imagem 13 – A internet dando vez e voz às mulheres



Fonte: Livro didático Espaço e identidade, 3º ano (BOLIGIAN; ALVES, 2018, p. 143)

São poucos os boxes “mulheres em foco”, na qual encontramos o autor relatando acontecimentos que tem como protagonistas as mulheres, mas em um dos boxes que foi encontrado, um tema muito importante foi discutido, o assédio contra as mulheres.

O autor usa como base a internet onde fatos e/ou notícias falsas são cada vez mais visualizados e compartilhados por milhares de pessoas em pouco tempo com apenas um click. É por esse meio de comunicação que as mulheres vem ganhando voz através de campanhas que buscam denunciar atos de assédio e abusos sexuais.

Imagem 14 – Tráfico de Mulheres e meninas

**NÃO SEJA UMA VÍTIMA DO TRÁFICO DE PESSOAS**

**COMO AJUDAR PESSOAS EM SITUAÇÃO DE TRÁFICO?**

Seu silêncio pode agravar a situação. Na dúvida se o crime está mesmo sendo cometido, denuncie e as autoridades vão investigar. Normalmente, a pessoa não fala a língua local e desconhece os direitos no país em que está. Observe sinais como passaporte retido, ameaças pessoais ou a famílias e impedimento de circular livremente ou de manter contato com outras pessoas.

Pergunte se a pessoa precisa de apoio e a oriente a entrar em contato com um consulado ou embaixada.

Para mais orientações, procure a Polícia Federal – [www.denuncia.pf.gov.br](http://www.denuncia.pf.gov.br) ou [denuncia@pf.gov.br](mailto:denuncia@pf.gov.br)

O Ministério da Justiça – [www.mj.gov.br](http://www.mj.gov.br) ou [traficodepessoas@mj.gov.br](mailto:traficodepessoas@mj.gov.br) ou as embaixadas e consulados no [www.itamaraty.gov.br/temas/embaixada-e-consulados](http://www.itamaraty.gov.br/temas/embaixada-e-consulados)

Procure também a Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180 ou Disque 100 – que é o disque direitos humanos.

**FIQUE ATENTO (A) A SINAIS SUSPEITOS: PREVENIR É A MELHOR OPÇÃO**

Antes de viajar, saiba qual tipo de visto será preciso para sua viagem.

Use a internet e as redes sociais para pesquisar sobre as pessoas que te ofereceram o emprego.

Verifique com cuidado as propostas de trabalho, principalmente as mais atrativas.

Informe ao maior número de pessoas possível para onde você vai e quem ofereceu essa oportunidade.

Desconfie de casamentos arranjados por agências.

Viaje sempre com o passaporte original e uma cópia autenticada e guarde-os separadamente.

Duvide se alguém pedir para guardar seus documentos e desconfie dessa pessoa. Em hipótese alguma entregue documentos pessoais a terceiros.

**APOIO NO EXTERIOR:**

Os consulados e embaixadas do Brasil em outros países existem para ajudar você, independentemente se você está regular ou não no país. Tenha o contato e o endereço deles em mãos antes mesmo de viajar e aprenda como efetuar ligações no país para o qual você está indo.

**COMO IDENTIFICAR UMA SITUAÇÃO DE TRÁFICO DE PESSOAS:**

Retenção de documentos, inclusive passaporte.

Impedimento de circular livremente.

Pagamento de dívidas que desconhecia antes da viagem.

Fonte: Livro didático Espaço e identidade, 3º ano (BOLIGIAN; ALVES, 2018, p. 199)

O autor vem nos orientar sobre um dos principais crimes que teve seu auge entre os anos de 2005 e 2011, que foi o tráfico de pessoas que tem como objetivo comercializar ou escravizar, onde suas principais vítimas eram as mulheres e meninas para casamentos arranjados e exploração sexual.

O boxe “Mulheres em foco”, que tem como título “O crime do tráfico de mulheres”, vem ensinar como proceder nesses casos para que tal crime seja combatido com dicas de como identificar os sinais que os suspeitos podem deixar escapar, como ajudar pessoas que estejam em situação de tráfico e dicas de como conseguir apoio no país estrangeiro, isso nos faz entender que esses casos continuaram acontecendo e que cabe a mulher se proteger, sendo que, o que deveria estar sendo tratado era o combate a tais crimes.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho é possível notarmos que as funções relacionadas aos homens e as mulheres apresentadas nos livros didáticos já se encontram determinadas pela sociedade, apesar que, as áreas na qual as mulheres e os homens atuam nos dias de hoje já são diversos, apenas não são vista e reconhecidas. O homem aparece sempre como o principal ou o único, é o protagonista das lutas, das conquistas, dos trabalhos que exige autoridade e tomada de decisões.

Segundo Saffioti 2011, o sexismo pode prejudicar tanto os homens como as mulheres, pois os papéis que são definidos a eles e a elas muitas vezes lhes prende em algo que não desejava. De acordo com a sociedade uma mulher não pode exercer a profissão de mecânica, motorista, encanadora, etc, pois elas são frágeis e delicadas, assim como os homens não podem exercer a profissão de faxineiro, decorador, estética/cosméticos, etc. Inclusive é possível encontrar letras de músicas que prende o homem as definições padrão da sociedade.

Durante décadas o livro didático foi composto por manifestações de sexismo, machismo e racismo, mas que hoje se encontra em um processo de reconstrução. Infelizmente, isso ocorre de maneira lenta e quando trata de algum assunto referente ao empoderamento da mulher é de forma superficial, deixando por muitas vezes nas mãos dos professores o cargo mais pesado de estar constantemente inovando e problematizando, buscando relacionar os assuntos presentes nos livros didáticos a realidade dos alunos.

Algumas atividades realizadas por mulheres, umas trabalhando na colheita diretamente no campo, outras cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos na área rural, outras com artesanatos e as que atuam no mercado de trabalho como costuras. Todavia, isso nos leva a questionar qual contribuição o livro didático está trazendo para a representatividade das mulheres sendo que não estão retratando os espaços que já foram conquistados por elas, podemos ver mulheres na gerência, na política, como engenheira, cantora e várias outras profissões sem distinção de gênero.

Uma forma de trazer o debate sobre a representatividade da mulher e se aprofundar no assunto é apresentando documentários, filmes, ou mesmo fazendo uma análise comparativa sobre os comerciais mais antigos até os dias atuais e também incrementar os conteúdos do livro, trazendo uma nova visão.

## 6. REFERÊNCIAS

MARCELO. Como era a vida da mulher na idade media?.**História**, 2013. Disponível em:<<http://sohistoria2013.blogspot.com/p/como-era-vida-da-mulher-na-idade-media.html>>. Acesso em: 28 agosto 2019.

SILVA, J. M.; CESAR, T. R.; PINTO, V. A. **Gênero e geografia brasileira: uma análise sobre o tensionamento de um campo de saber**. Paraná: Revista da Anpege, 2015.

BRANDAO, J. J.; FONSECA, R. L. **A utilização da mídia publicitária no ensino de geografia: uma oficina pedagógica acerca da discriminação da mulher**. Paraná: Revista Latino Americana de Geografia e Gênero, 2019.

CAMPOS, L. B.; DAVI, R. R.; LEMOS, T. C. **Estudo de gênero no ensino de geografia**.

BOLIGIAN, Levon; ALVES, Andressa. **Geografia: Espaço e identidade**. 1ª edição. São Paulo, 2016

ROSSINI, Rosa Ester. **As geografias da modernidade: geografia e gênero**. Revista do Departamento de Geografia, n. 12, p. 7-26, 1998.

GUIMARÃES, Letícia. Relações De Gênero e Sexualidade. **Monografias Brasil Escola**. Disponível em:<<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/relacoes-genero-sexualidade.htm>> . Acesso em: 24 de outubro de 2019.

Significados de escola. **Significados**. Disponível em:<<https://googleweblight.com/i?u=https://www.significados.com.br/escola/&hl=pt-BR>>. Acesso em: 26 de outubro de 2019.

IBGE. **População**. Disponível em:<[https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html?utm\\_source=portal&utm\\_medium=popclock&utm\\_campaign=novo\\_popclock](https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html?utm_source=portal&utm_medium=popclock&utm_campaign=novo_popclock)> Acesso em: 10 de setembro de 2019.

Agencia IBGE notícias. **População chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos.** Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos>> Acesso em : 06 de junho de 2020.

FERREIRA, A. B de H. Mini Aurélio. Editora nova Fronteira, p. 345, 2000.

BITTENCOURT, Circe. **Em foco: História, produção e memória do livro didático.** Educação e pesquisa [online].vol. 30, n.3.p. 471-473, 2004.

Joan Scott – **Gender:** a useful category of historical analyses.

Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989.

Childhood. **A violência sexual no Brasil.** Disponível em: <<https://www.childhood.org.br/a-violencia-sexual-infantil-no-brasil>> Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

PANISSET, U. O. Parâmetro de diretrizes e bases do ensino médio, 2000.

CEERT. **Conheça Aqualtune avó de Zumbi dos Palmares.** Disponível em: <<https://ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/12428/conheca-aqualtune-avo-de-zumbi-dos-palmares>> Acesso em: 30 de março de 2020.

PORTAL GELEDÉS. **Dandara: A Face Feminina de Palmares.** Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/dandara-a-face-feminina-de-palmares/>> Acesso em: 01 de junho 2020.

GLOBO RURAL. **10 cantoras e duplas sertanejas femininas das antigas.** Disponível em: <<https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Cultura/noticia/2017/03/9-cantoras-e-duplas-sertanejas-femininas-das-antigas.html>>. Acesso em: 14 de abril de 2020

IBGE. **Estatísticas de Gênero:** Indicadores sociais das mulheres no Brasil, n. 38, 2018.

MOREIRA, Ruy. Pensar e ser em Geografia, 2007.

Saffioti H. I. B. **Gênero, Patriarcado, Violência.** 2ª reimpressão, 2011.